

Disco Riscado

As notas, comentários e anotações da semana

Compilação: Alexandre Giesbrecht



Os piores Flyers

Na terça-feira passada, os Flyers perderam para os Hurricanes por 2-1. Até aí, nada de mais. Uma derrota normal de um time que as vem acumulando desde o início da temporada. O problema é que ela representou a sétima derrota consecutiva do time. Isso também não seria nada de mais se os Flyers

já tivessem obtido outra em sua história. Mas foi a primeira. Em sua história de 39 anos, nunca o time tinha perdido mais de seis jogos consecutivos – o que já tinha acontecido cinco vezes, sendo uma nesta temporada. E a coisa não parou por aí. Na quinta-feira, os Canadiens estenderam a sequência e no sábado foi a vez de os Senators fazerem com que

ela chegasse aos nove jogos. O time ainda não venceu em dezembro e, do jeito que está jogando, o prognóstico até o fim do ano, com três jogos fora de casa, não é dos melhores. Não que em casa as coisas estejam muito melhores. O recorde da franquia para menor número de vitórias em casa é de 11, em 1969-70. No ritmo que estão em 2006-07, caminham

para fechar a temporada com apenas sete. Para provar que desgraça pouca é bobagem, a diretoria ainda jogou por terra suas próprias declarações de que investiria em um time jovem e contratou o veterano Alexei Zhitnik, cedendo o jovem Freddy Meyer, aquele mesmo que dissemos na semana passada que era “experiente” por estar em seu segundo ano.



STARS

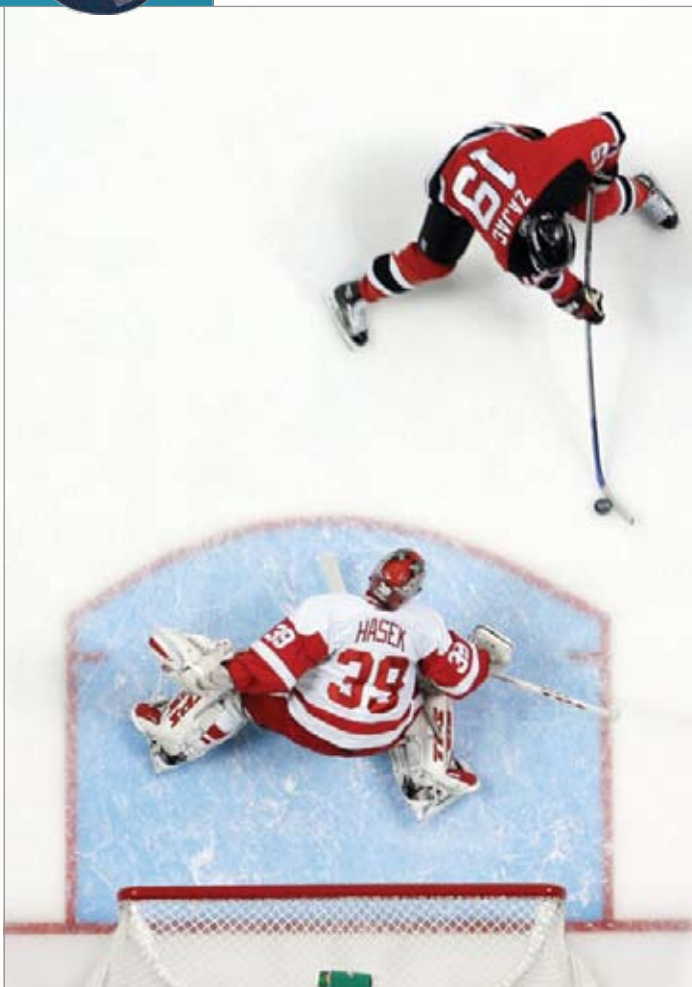
A portas fechadas

A reunião de 25 minutos a portas fechadas que os Stars fizeram no vestiário depois da derrota por 4-1 para o Anaheim na quarta-feira passada teve um precedente poucos dias antes. Eles também se reuniram por alguns minutos depois da derrota por 4-3 para o Washington, em 30 de novembro. Mas a conversa da semana passada foi a mais longa da temporada, o que claramente reflete a preocupação de time durante a má fase.

MAPLE LEAFS

Dizem as Más línguas

Boa parte dos jogadores que compuseram o elenco do Toronto em 1992-93 reuniu-se no Air Canada Centre, no último dia 12. Comentou-se que foi uma comemoração da última vez que os Leafs quase conquistaram a Copa Stanley, que eles não ganham desde 1967, mas, na verdade, foi para dar um apoio ao técnico daquela época, Pat Burns, que está se recuperando de câncer.



DEVILS

Produtiva promessa

O central Travis Zajac não deverá ser candidato ao Troféu Calder nesta temporada, mas tem contribuído de maneira consistente à campanha dos Devils. Zajac (foto), primeira escolha dos Devils em 2004, tem sete gols e 11 assistências, junto com um +/- de +2 (segundo melhor no time) depois de 33

jogos. "Esse cara é bem inteligente", elogia o técnico Claude Julien. "Ele está jogando como um veterano. Ele toma as decisões certas quando está sem o disco. Ele já marcou gols importantes para nós. Ele ataca o gol. Ele é grande, é forte, é um bom patinador." Pode até ser exagero de treinador, mas os números até agora o apóiam.

FLAMES

Já estava lá

Um dos motivos para o Calgary não ter conseguido repetir na temporada passada a aparição de 2004 nas finais da Copa Stanley foi a ausência de alguém com instintos ofensivos para complementar Jarome Iginla. Só que parece que esse jogador já estava lá o tempo todo, se bem que ele precisou de um tempo para se encontrar: atualmente, Daymond Langkow tem merecido ser o central da primeira linha.

CANADIENS

Sinal falso

Os Canadiens tinham perdido apenas uma vez em suas dez partidas anteriores (7-1-2), mas perderam para os Bruins no sábado por 4-2. Sergei Samsonov, ex-ponta esquerda não só dos Bruins, mas também dos Oilers, voltou a decepcionar, não marcando pontos. Isso depois de ter dado sinais de vida nos dois jogos anteriores, com três assistências. Por enquanto, o melhor truque do Moscovita Mágico tem sido o de desaparecer: ele tem apenas seis gols e 11 assistências (17 pontos) em 35 jogos na temporada.



KINGS

Ainda não foi desta vez

ANHL nunca teve um jogador nascido no Japão, mas os Kings, assolados por contusões, tiveram Yutaka Fukufuji como reserva por um breve período, quando ele foi chamado do time de baixo, em Long Beach, na semana passada. Fukufuji, que nasceu em Tóquio, retornou a Long Beach poucos dias depois, sem chegar a ser escalado para jogo nenhum. Na história da liga, jogadores nascidos em 38 países diferentes (incluindo dois no Brasil e usando como padrão as divisões aceitas pela ONU) participaram de um jogo da NHL. Falta o Japão. Por enquanto.

Sabres x Predators: finalmente o time de Nashville demonstrou cansaço no "dia seguinte"

PREDATORS

Fadiga

Jogos em dias seguidos podem ser cansativos para a maioria dos times, mas os Predators não sentiram os efeitos deles até quinta-feira passada, quando perderam para o Buffalo por 7-2, depois de ter jogado no dia anterior. Eles ainda não tinham perdido no tempo normal um jogo disputado no dia seguinte a outro. Até ali, eram sete vitórias e um empate nos 60 minutos. Foi também o oitavo jogo seguido em que o defensor Brian Campbell, do Buffalo, marcou uma assistência. E foi ainda o 14.º seguido iniciado pelo goleiro Chris Mason, dos Predators. Mason está no gol desde que Tomas Vokoun se contundiu no polegar, em 23 de novembro. Vokoun tem encarado chutes sem luva nem taco nos treinos e deve ter dois pinos removidos de seu polegar entre esta semana e a próxima.

IMPRENSA

Os melhores momentos dos jornais que cobrem o hóquei nós dividimos com você neste espaço.



Um dos [tópicos](#) de nossa [comunidade no Orkut](#) trata de filmes sobre hóquei. Um dos filmes citados foi destaque na coluna de televisão do jornal gratuito Destak. O problema é que o filme não fala tanto assim de hóquei: é sobre um jogador do Minnesota North Stars que sofre uma séria contusão no olho e é obrigado a se aposentar da NHL e resolve tentar seguir carreira na patinação artística. Apesar de os Blackhawks não serem mencionados, a foto que ilustra o destaque no jornal paulistano traz alguém com a camisa deles. Mas tudo bem, não culpo o editor da seção por não ter prestado atenção ao filme. É realmente uma tarefa excruciante assisti-lo do início ao fim.

RED WINGS

Poupado

Não vai ser agora que o goleiro Dominik Hasek vai jogar em dias seguidos. Isso significa que o reserva Chris Osgood vai ficar ainda mais tempo no gelo.

Perguntado se Hasek vai jogar mais nessas condições, o técnico Mike Babcock respondeu: "Por enquanto, com todos esses jogos, vai ser o oposto. Eles vão dividir o gol." Os Wings começariam na quarta-feira uma série de 14 jogos em 25 dias, incluindo três pares de jogos em dias consecutivos.





PAPO COM QUEM LÊ

Vira-e-mexe, recebemos e-mails interessantes dos nossos leitores. Esforçamo-nos para responder todos, e alguns deles vêm parar neste espaço. Para mandar o seu e-mail, visite nossa [página de Contato](#).

Quem você acha que poderia ir para os Ducks em troca do goleiro Ilya Bryzgalov?

Henrique Alencar Gonçalves, Niterói, RJ

Alexandre Giesbrecht: Para mim, se vier uma escolha de primeira rodada já está mais do que bom. Vale lembrar que, fora os playoffs do ano passado, o Bryzgalov não tem grandes feitos no seu currículo, então não é tão valorizado. Isso sem falar que os outros GGs sabem do problema do Anaheim, que tem dois bons goleiros no elenco, então podem agüentar uma eventual negociação por mais tempo. Por isso mesmo, uma troca do Bryzgalov só sai se os Ducks quiserem/precisarem mesmo se livrar dele, por conta do teto salarial ou algum outro problema.

BLACKHAWKS

Nada de Hall

Foi até barato (US\$ 500 mil) para os Blackhawks trazer o agente livre Peter Bondra para reforçar seu anêmico ataque. Um dos grandes artilheiros do esporte, com 498 gols até então no currículo, Bondra, de 38 anos, demonstrou que seu toque de goleador praticamente desapareceu. Se ele tivesse conquistado alguma Copa Stanley durante seus muitos anos em Washington – o máximo que conseguiu foi o

Bondra: o toque de goleador se foi, mas ele ainda achou emprego em Chicago

vice-campeonato, em 1998 –, poderia até conseguir entrar no Hall da Fama. Mas, agora, ele provavelmente vai ser um dos três únicos jogadores a marcar 500 gols e não ser indicados ao Hall, juntando-se a Dino Ciccarelli (608 gols) e Pat Verbeek (522). Bondra marcou, até agora, dois gols e duas assistências em sete jogos pelos Hawks e tem rondos 500 gols e 882 pontos em sua carreira.

BLUE JACKETS

Maior de '02

Rick Nash, do Columbus, marcou, no sábado retratado, o centésimo gol de sua

carreira, na derrota por 6-4 para o Chicago. Primeira escolha no recrutamento de 2002, ele já marcou quase o dobro de gols que qualquer outro jogador recrutado naquele ano. Os totais abaixo incluem jogos até o dia 23.

Jogador	Time	Recrut.	Jogos	Gols
Rick Nash	CLB	1	241	102
Joffrey Lupul	EDM	7	191	52
Jarret Stoll	EDM	36	189	42
Petr Prucha	NYR	240	103	36
Matt Stajan	TOR	57	187	36
Chris Higgins	MTL	14	99	34
Pierre-Marc Bouchard	MIN	8	226	34
Matthew Lombardi	CGY	90	167	33

RUMORES • RUMORES • RUMORES

» A troca de Mike York para os Flyers pode parecer que foi só para os Islanders se livrarem de um salário alto, mas, se o gerente geral Garth Snow conseguir o que tem em mente, ele vai usar parte dos US\$ 5 milhões em espaço sob o teto salarial que ele livrou para trazer um artilheiro. Dois times que podem estar interessados são St. Louis e Phoenix. Bill Guerin e Doug Weight, dos Blues, podem estar disponíveis. Shane Doan, dos Coyotes, também parece estar disponível.

» Yanic Perreault tem sido praticamente um messias para os horríveis Coyotes. Peter Bondra marcou em seu primeiro jogo pelos Blackhawks. Tudo isso pode ser um sinal de que Jason Allison não está muito longe de uma eventual volta.

» Apesar de não haver nenhuma data-limite, vários fatores fazem com que a decisão sobre uma eventual mudança de cidade por parte dos Penguins seja tomada no máximo lá pelo início dos playoffs. A NHL precisa saber onde será a sede do time para fazer a tabela da temporada de 2007-08, e a diretoria do time precisa de tempo para desenvolver estratégias de marketing, vender carnês de ingressos e arrumar patrocinadores corporativos.



FOTO DA SEMANA – 23/dezembro/2006 Fredrik Norrena, goleiro dos Blue Jackets, é o centro das atenções na disputa por espaço em sua área. **FOTO:** Bruce Bennett/Getty Images



“Você pensa que é o meu pai?”

Mike Peca, central do Toronto, ao árbitro Justin St. Pierre, que disse-lhe para não falar palavrões, durante derrota por 5-4 para o Tampa Bay na terça-feira passada.



MUNDIAL DE JUNIORES

Todos contra os canadenses

Da última vez que o Mundial de Juniores foi disputado na Europa – Helsinque, em 2004 –, os dois únicos times da América do Norte, Canadá e Estados Unidos, brigaram pela medalha de ouro. Sem nenhuma seleção europeia deste ano parecendo ser excepcional, é

bem possível que tenhamos uma sensação de déjà-vu. Os canadenses, que ganharam cinco títulos seguidos entre 1993 e 1997 e atuais bicampeões, tentam se tornar o primeiro time a conseguir dois tricampeonatos. Eles conquistaram medalhas nas últimas oito edições do torneio (e em

13 das últimas 14), enquanto os americanos preparam uma seleção lotada de talentosas escolhas de primeira rodada. A Suécia receberá o torneio pela quinta vez, desta vez com Leksand e Mora servindo como sedes. O Mundial começaria na terça-feira. Os times são divididos em dois grupos

de cinco seleções. No Grupo A estão Alemanha, Canadá, Eslováquia, Estados Unidos e Suécia. No B, Bielorrússia, Finlândia, República Tcheca, Rússia e Suíça. Classificam-se os três primeiros de cada chave, sendo que o primeiro colocado de cada uma entra diretamente nas semifinais, enquanto segundos e terceiros colocados se cruzam. A final está prevista para o dia 5 de janeiro, em Leksand, às 16h30 de Brasília. Abaixo, analisamos os dez participantes.

ALEMANHA

TÉCNICO: Ernst Hofner. **MELHOR JOGADOR:** D Philip Gogulla. Segunda escolha do Buffalo (48.ª geral) no recrutamento de 2005, estreou pela seleção alemã principal já aos 18 anos. **PREVISÃO:** Os alemães provavelmente darão tudo de si, mas não há como negar que o seu principal objetivo será evitar o rebaixamento para a segunda divisão.

ESTADOS UNIDOS

TÉCNICO: Ron Rolston. **MELHOR JOGADOR:** D Jack Johnson. Terceira escolha do recrutamento de 2005, em seu segundo ano na Universidade de Michigan, foi eleito um dos melhores jogadores do Mundial passado. **PREVISÃO:** Bons jogadores em todas as posições e muito poder de fogo fazem dos americanos fortes candidatos a sua primeira medalha desde 2004.

BIELO-RÚSSIA

TÉCNICO: Eduard Zankovets. **MELHOR JOGADOR:** PE Sergei Kostitsyn. Irmão mais novo de Andrei, prospecto do Montreal, foi recrutado pelos Habs em 2005 e está em seu segundo ano pelo London Knights, da OHL. **PREVISÃO:** Com apenas dois jogadores jogando no Canadá – Kostitsyn e, possivelmente, Igor Voroshilov, do Moncton Wildcats, a Bielorrússia não pode ser considerada uma ameaça.

FINLÂNDIA

TÉCNICO: Jarmo Tolvanen. **MELHOR JOGADOR:** G Tuukka Rask. Escolhido na primeira rodada do recrutamento de 2005, foi eleito o melhor goleiro do Mundial de Juniores de 2006 e é titular na liga finlandesa aos 19 anos. **PREVISÃO:** Os finlandeses ganharam a medalha de bronze em quatro dos últimos cinco Mundiais, mas vão precisar de mais do que Rask para chegar ao pódio desta vez.

ESLOVÁQUIA

TÉCNICO: Jan Jasko. **MELHOR JOGADOR:** PE Juraj Mikus. Terceira escolha do Montreal (121.ª geral) em 2005, tem grande velocidade e adora avançar sobre o gol. Uma das principais alternativas ofensivas do Chicoutimi (QMJHL). **PREVISÃO:** Uma vaga nos playoffs ainda parece distante, mas os eslovacos são claramente os melhores do “resto”.

REPÚBLICA TCHECA

TÉCNICO: Vladimir Bednar. **MELHOR JOGADOR:** PE Martin Hanzal. O armador de 1,95m e 93kg é um dos principais artilheiros da liga júnior WHL, defendendo o Red Deer. O Phoenix escolheu-o na primeira rodada do recrutamento de 2005. **PREVISÃO:** Como sempre, os tchecos têm técnica de sobra. Mas chegar ao pódio também requer garra, e isso sempre é uma incógnita por aquelas bandas.



CANADÁ

TÉCNICO: Craig Hartsburg. **MELHOR JOGADOR:** D Luc Bourdon. Eleito para a seleção do Mundial de Juniores passado, disputou nove jogos na NHL, pelo Vancouver, no começo da temporada de 2006-07.

PREVISÃO: Com 11 jogadores do time que conquistou a medalha de ouro no Mundial de 2006, o Canadá é franco favorito.

Por outro lado, os goleiros são bons, mas não decisivos, e o excesso de confiança depois do último título, conquistado com facilidade, pode ser um problema.



Marc Staal é um dos
11 canadenses que
conquistaram o título em
2006 e estão de volta

RÚSSIA

TÉCNICO: Evgeny Popikhin. **MELHOR JOGADOR:** C Ilya Zubov. Quarta escolha do Ottawa (98.ª geral) em 2005, compensa a falta de tamanho com muita velocidade e técnica. Teve média de um ponto por jogo no Mundial passado. **PREVISÃO:** Os russos vêm tentando mais impressionar os olheiros do que jogar em equipe e parecem ter perdido a noção de como se joga em um time.

SUÉCIA

TÉCNICO: Torgny Bendelin. **MELHOR JOGADOR:** C Nicklas Backström. Quarta escolha geral do recrutamento de 2006, tem média acima de um ponto por jogo defendendo o Brynas, da Liga de Elite Sueca, aos 19 anos. **PREVISÃO:** O programa "Kronor" está lentamente fazendo o hóquei juvenil sueco se recuperar de uma desastrosa seca de medalhas nos últimos dez Mundiais de Juniores.

SUIÇA

TÉCNICO: Jakob Koliker. **MELHOR JOGADOR:** PE Juraj Simek. Nascido na Eslováquia, foi escolhido na sexta rodada (161.ª escolha geral) pelo Vancouver em 2006 e hoje é a estrela do Brandon Wheat Kings, da OHL.

PREVISÃO: Desde a surpreendente medalha de bronze no Mundial de Juniores de 1998, os suíços não conseguiram evoluir; pelo contrário, até regrediram.

NHL

Não mexam aí!

A té a semana passada, a média de gols por jogo estava ligeiramente mais baixa que no mesmo período de 2005-06, algo que talvez já fosse esperado. Com pouco mais de uma temporada de novas regras, as defesas já tiveram tempo de se ajustar. Os árbitros acabaram com a interferência da melhor maneira que puderam, mas os times ainda congestionam a zona neutra e conseguem manter alguma variação mais "light" da armadilha. Eles só não engancham e seguram tanto para fazê-lo. Enquanto isso, essa pequena queda na média de gols (aproximadamente um terço de gol por jogo) faz com que Colin Campbell novamente sugerisse aumentar os gols. "Sei que isso vai desagradar aos tradicionalistas, e digo

isso porque sou um deles", disse Campbell, Vice-Presidente Executivo da NHL e diretor de Operações de Hóquei, à agência de notícias *Canadian Press*. "Mas eu realmente acho que temos de pensar com carinho na idéia dos gols maiores." Para Campbell, há muito não se vê mais pontas avançando rapidamente pela linha azul, preparando os tacos e mandando bombas na direção do gol. Ele está certo. Guy Lafleur, Mike Bossy e Cam Neely aposentaram-se há muito tempo. Mas, antes de mexer nos 2,23m² do gol, seria interessante chamar todo mundo para conversar. Se for para fazer tal sacrilégio, não seria melhor antes mexer nos tacos dos goleiros, fazendo-os usar os mesmos que os jogadores de linha usam?





Mudanças que eu faria

Texto: Scott Burnside

Tradução: Alexandre Giesbrecht

[Artigo original](#)

ANHL já viu alguns de seus times mudar de cidade ao longo dos anos. Algumas dessas mudanças deram certo, outras nem tanto. Aqui está a minha opinião sobre essas mudanças, seguida de três que podem fazer mais sentido do que tirar os Penguins da Cidade do Aço.

Mudando para melhor

- O **Atlanta Flames** tornou-se o **Calgary Flames** depois da temporada de 1979-80, e, no último quarto de século, o time se tornou parte integrante da comunidade do Oeste do Canadá. Mesmo quando o ambiente econômico da liga ameaçava a existência do

time antes do locaute, a torcida dos Flames demonstrava uma impressionante lealdade, e é difícil imaginar a NHL sem os habitantes da Red Mile.

- A torcida do **Hartford Whalers** nunca vai perdoar o dono do time, Peter Karmanos, por ter levantado acampamento e mudado o time para

a Carolina do norte depois da temporada de 1996-97. Ainda assim, com pouco menos de uma década na terra do tabaco os Hurricanes são os atuais campeões da Copa Stanley e conseguiram passar a ter um nicho significativo na comunidade local. É claro que a conquista de uma Copa Stanley,



Para Burnside, os Capitals seriam o primeiro candidato a mudar de cidade

algo de que os Whalers nunca chegaram nem perto em suas 18 temporadas no Connecticut, traz bastante lealdade.

• Alguém em Quebec chegou a se incomodar muito quando os **Nordiques** passaram o ponto depois da temporada de 1994-95 e se mudaram para Denver, onde se tornariam o Colorado Avalanche? Ahn, não. Duas Copas Stanley depois, o Avalanche se tornou uma das grandes histórias de sucesso da NHL. Mesmo com sua média de público caindo ligeiramente devido à reconstrução pós-locaute do time, a franquia não sente saudade alguma de seus tempos no Canadá.

• A torcida de Minnesota certamente se importou quando os seus **North Stars** fugiram para Dallas depois da temporada de 1992-93. No Texas, os Stars eram meio que uma curiosidade no começo. Mas, graças à firme liderança do técnico Ken Hitchcock e a estrelas como o capitão Mike Modano, Brett Hull e Ed Belfour, os Stars ganharam o título em 1999 e ajudaram a criar uma história de sucesso em uma cidade sem tradição no esporte. As raízes que o hóquei tem hoje em Dallas são motivo de inveja para muitas

franquias, incluindo algumas em cidades com mais tradição no hóquei.

Simplesmente mudando

• Primeiro, eles eram o **Kansas City Scouts**, e isso não deu muito certo, assim como não deu em sua aparição como **Colorado Rockies**. Quando o New Jersey Devils estreou, em 1982, parecia mais um time de fundo de quintal que uma equipe profissional. Tomando-se como base qualquer parâmetro dentro do gelo, os Devils são uma franquia modelo, com três Copas conquistadas entre 1995 e 2003. Fora do gelo, eles continuam um mistério, atraindo apenas moscas mesmo sendo um perene sucesso. Ainda na semana passada, o público anunciado foi de menos de 11 mil pessoas contra o eletrizante Atlanta Thrashers. Sabemos que eles vão se mudar para um novo estádio em Newark no ano que vem, mas é Newark. Isso já diz tudo.

• O Phoenix Coyotes tem honrado a tradição estabelecida pelo **Winnipeg Jets** de nunca ir muito longe nos playoffs. Os Jets nunca chegaram às finais de conferência entre sua estréia na liga, em 1979, e sua partida para Phoenix depois da temporada de 1995-96. Os Coyotes seguem essa tendência e estão caminhando para mais uma pós-temporada fora dos playoffs, o que

acontecerá pela quarta vez seguida e pela quinta vez nas últimas seis temporadas. Eles ainda não ganharam nenhuma série de playoffs no deserto. Apesar disso tudo, eles têm um belo estádio novo, e o desenvolvimento que ela tem proporcionado ao seu redor é um bom indício para o futuro. Se eles ao menos conseguissem fazer o time cooperar...

Mudanças que faríamos

Ninguém nos perguntou, mas, se fôssemos mudar um time da NHL, há alguns que escolheríamos antes do Pittsburgh Penguins.

• **Washington Capitals:** Vamos recapitular. A torcida na capital dos EUA não saiu da toca quando os Capitals tinham Jaromir Jagr, o jogador mais emocionante do hóquei. Agora, ela não sai da toca quando os Caps têm um dos times mais esforçados da NHL e um dos jogadores mais empolgantes do hóquei, Alexander Ovechkin. Talvez isso seja um sinal. É um chute, mas apostamos que as torcidas de Houston ou Kansas City, ou mesmo Waterloo, Ontário, apreciaram muito mais a equipe de Glen Hanlon.

• **Florida Panthers:** Os Panthers conseguiram o que era quase impossível, ao alienar os poucos torcedores que tinham com uma extorsão na forma de cobrança de esta-

cionamento e com a troca do jogador mais popular do time, o goleiro Roberto Luongo. Agora, o time que está eternamente ou em construção ou rendendo menos do que se espera dele está para ficar de fora dos playoffs pela oitava vez nas últimas nove temporadas. A pergunta é: Alguém vai notar isso? Não. Mas notariam em praticamente qualquer lugar em que se colocar esse time.

• **Nashville Predators:** Vamos começar este parágrafo dizendo que adoramos o Nashville Predators. Adoramos como eles foram montados, como eles são treinados e como eles jogam. Mas esse é um time que parece destinado a uma eterna luta para conseguir cavar seu espaço na comunidade. Apesar de colocar no gelo um dos melhores times da Conferência Oeste pela segunda temporada seguida, os Preds conseguiram lotar o pequeno Gaylord Entertainment Center apenas duas vezes nesta temporada e anunciaram públicos inferiores a 15 mil por sete vezes, incluindo três seguidas em dezembro. E o que é mais preocupante: se os Preds chegarem às finais da Copa Stanley, o time vai ameaçar impedir a transmissão pela televisão de seus jogos em casa nos playoffs, a fim de assegurar estádios lotados, como fizeram na primeira fase dos playoffs passados? Yikes.



O esquecido



Texto: Frank Deford

Tradução: Alexandre Giesbrecht

[Artigo original](#)

Não é bem uma história de Natal, mas é boa para esta época do ano. Nove anos atrás, Ted Nolan estava no topo do mundo. Seu Buffalo Sabres ganhou a divisão, e ele foi eleito técnico do ano da NHL – isso sem ter sequer chegado aos 40 anos.

Então o chão saiu de baixo dos seus pés. Ele bateu de frente com seu gerente geral e sentiu que tinha de pedir as contas. Afinal, com todo seu sucesso, tinha certeza de que alguém iria contratá-lo. Mas time algum o fez. Ele foi tacha-

do de “matador de gerentes gerais”. E ainda teve de ouvir outros boatos ganhando força. Nolan era um bêbado. Era preguiçoso. Era adúltero. É claro que ele já tinha ouvido tudo isso antes – não a respeito dele, mas do seu povo. Nolan é um índio Ojibway – o que nós, americanos, chamamos de nativos americanos e os canadenses chamam de Primeira Nação. Ele cresceu na Reserva Garden River, em Ontário.

Na verdade, mesmo quando Nolan estava se tornando um jogador de hóquei, ele ainda

estava preso na mesma vida desalentadora. Quando eu o visitei na reserva, alguns anos atrás, ele me contou sobre uma festa quando ainda era adolescente, em que quase todos os seus amigos desmaiaram, bêbados. Um dos que sobraram de pé saudou Nolan: “Você bebe bem, Ted.” Isso fez o garoto pensar. “A última coisa que eu queria era ser conhecido como um bom bebedor.” Ao invés disso, ele agüentou o

Os Isles de Nolan vencem

tranco, chegou à NHL e depois tornou-se técnico. Até hoje, é o único índio a conseguir esse cargo no esporte americano.

Quando deixou os Sabres e começou a perceber que ninguém mais iria contratá-lo, ele passou a imaginar se era boicotado por causa de sua origem. Mas, sem nenhuma oferta de emprego, decidiu ajudar o seu povo, devotando-se às crianças da tribo Ojibway. Garotos de apenas 10 anos freqüentemente cheiram cola, gasolina, o que quer que seja. Muitos até chegam ao suicídio.





E o técnico do ano da NHL começou a ensinar hóquei às crianças. Não para criar jogadores profissionais, mas para mostrar às crianças índias, pelo esporte, como trabalhar em equipe, como se concentrar, melhorar, até sonhar. “Treinamento de vida”, para ele. Pat LaFontaine, estrela de Nolan em Buffalo, diz: “Não há um jogador treinado por Teddy que não atravessaria uma parede por ele.” Mas agora Nolan só queria que seus jogadores da Primeira Nação vivessem, que se tornassem homens.

A cada ano que passava, mais técnicos ganhavam emprego na NHL. Nolan achou que, se não estava sendo boicotado, devia estar esquecido. Aí no ano passado ofereceram-lhe um emprego como técnico na liga júnior de Quebec. Mais uma vez, ele foi um sucesso, levando seu time às finais nacionais. E neste ano Charles Wang contratou Nolan para treinar seu New York Islanders.

Os Isles são uma franquia deficiente. Não ganha uma série de playoffs há 14 anos. Previam-se para eles a lanterna da liga, mas Nolan tem mantido o time acima dos 50%, perto dos líderes da divisão. É um bom Natal para Nolan. Um bom Natal para o povo Ojibway, que tem seu herói de volta no topo. E um bom Natal para a NHL, que vê Nolan de novo onde merece ficar.



Vincent LeCavalier
é um jogador que
excede sob pressão

esses dados para negociações de contrato ou na hora da arbitragem.

“Você me dá dez caras que ganham US\$ 800 mil, e nós desenvolvemos uma análise de como eles atuam sob vários critérios”, prossegue Smith. “O que tal cara faz em situações de pressão quando a vitória está em jogo? Quem parece estar sempre no gelo quando marcam gols importantes contra nós? Que goleiro reserva tem a maior porcentagem de defesas em situações de pressão? Nós podemos te dizer, mas você tem de pagar por isso.”

Alguns dos resultados surpreenderam Smith. Ele achou casos de jogadores com salários altos que simplesmente não se dão bem com alguns dos jogadores com quem dividem o gelo e muitas vezes melhoram suas estatísticas com contribiuições sem importância.

“Há jogadores na liga ganhando muito dinheiro, mas que não são bons quando ‘o bicho pega’”. Há sujeitos que têm altos salários, mas todos os outros jogadores do time jogam pior quando ele está no gelo. É bom para eles que ninguém descubra isso, senão eles nunca mais vão arrumar um contrato”, conclui Smith.

“MONEYPUCK”

Quem tem colhões

Quem acompanha beisebol sem dúvida já ouviu falar de “Moneyball”, conceito criado por Billy Beane, gerente geral do Oakland Athletics, que usa estatísticas para avaliar jogadores. Pois bem, Mike Smith, ex-GG dos Blackhawks, está trazendo um conceito parecido para o hóquei. Pode chamar de “Moneypuck”.

“Criamos um novo jeito de se olhar para os dados, a fim de avaliar jogadores em diferentes pontos de uma partida. Criamos estatísticas nunca vistas antes”, explica Smith.

Ele e seu sócio abriram uma empresa de consultoria há cerca de um ano e espera ter 12 times como clientes no ano que vem, a um custo entre US\$ 70 mil e US\$ 80 mil por time por temporada. Por motivo de confidencialidade, ele não divulga quais são os times que já usam seus serviços.

O que Smith faz é medir a performance de um jogador nos pontos críticos de uma partida, tanto em termos de estatísticas tangíveis como nas coisas que não aparecem na ficha técnica do jogo. Os times podem, então, usar



Quais são as propostas

- » Quatro divisões, ao invés de seis, Tanto a Conferência Leste como a Oeste teriam uma divisão com oito times e uma com sete.
- » Vancouver, Calgary, Edmonton, Anaheim, Los Angeles, San Jose, Colorado e Phoenix formariam a divisão com oito times no Oeste. A divisão com sete clubes teria Detroit, Chicago, St. Louis, Nashville, Dallas, Minnesota e Atlanta, vindo do Leste.
- » No Leste, uma divisão teria Montreal, Ottawa, Toronto, Buffalo, Boston, Pittsburgh e Columbus, vindo do Oeste. A outra teria New York Rangers, New York Islanders, New Jersey, Philadelphia, Washington, Tampa Bay, Florida e Carolina. A volta dos Caps para junto de seus velhos rivais da extinta Divisão Patrick foi uma opção popular na última reunião.
- » As divisões teriam mais a ver em termos de fusos horários, uma grande consideração para o horário de início das transmissões de TV: mais jogos no mesmo fuso significa menos jogos em horários estranhos para os telespectadores. Isso também diminuiria os custos com viagens.
- » As quatro primeiras vagas para os playoffs seriam dos dois melhores times em cada divisão. As quatro vagas restantes seriam dos times restantes com maior número de pontos. Ou seja, continuariam se classificando oito times por conferência.

Blue Jackets e Thrashers são os candidatos a trocar de conferência se a nova proposta for aceita pela liga

Mudanças à vista

A agência de notícias *Canadian Press* garante que a NHL está estudando a possibilidade de realinhamento para a temporada de 2007-08, provavelmente reduzindo o número de divisões de seis para quatro. A “plástica geral”, que envolve a troca de conferências por parte de Atlanta e Columbus, foi discutida na quarta-feira passada em Nova York, quan-

do representantes das seis divisões se reuniram com o comissário Gary Bettman a fim de achar uma solução para o atual conflito de calendários.

Nas próximas semanas, esses representantes e os gerentes gerais dos times estudarão a proposta e decidirão se é digna de votação. A reação do público, em especial a da mídia, também irá influenciar essa decisão. Se o



assunto for a votação, esta se daria num encontro em Dallas, no mês que vem. As mudanças propostas estão no quadro da página ao lado. De acordo com a *Canadian Press*, a idéia ainda precisa ser digerida pela diretoria dos times. Um GG entrevistado pela agência de notícias na sexta-feira sequer sabia alguma coisa a respeito.

Ainda falta saber qual a opinião de Thrashers e Jackets sobre a troca de conferências. Para o Columbus, parece fazer sentido ficar na mesma divisão que os quase vizinhos Penguins – isso se eles ficarem mesmo em Pittsburgh. Já o GG dos Thrashers, Don

Waddell, disse que a proposta era novidade para ele. “Ainda não fomos contatados por ninguém ligado à liga sobre trocar de divisão e de conferência”, disse Waddell. “Por isso, vamos deixar por conta da liga e não vamos comentar mais nada até a hora certa. Mas vou dizer que nossa organização está satisfeita com a atual situação e nossa localização na Conferência Leste.”

Localização dos times da Conferência Leste (em vermelho) e de parte dos da Oeste (em azul): Columbus e Atlanta estão em cinza

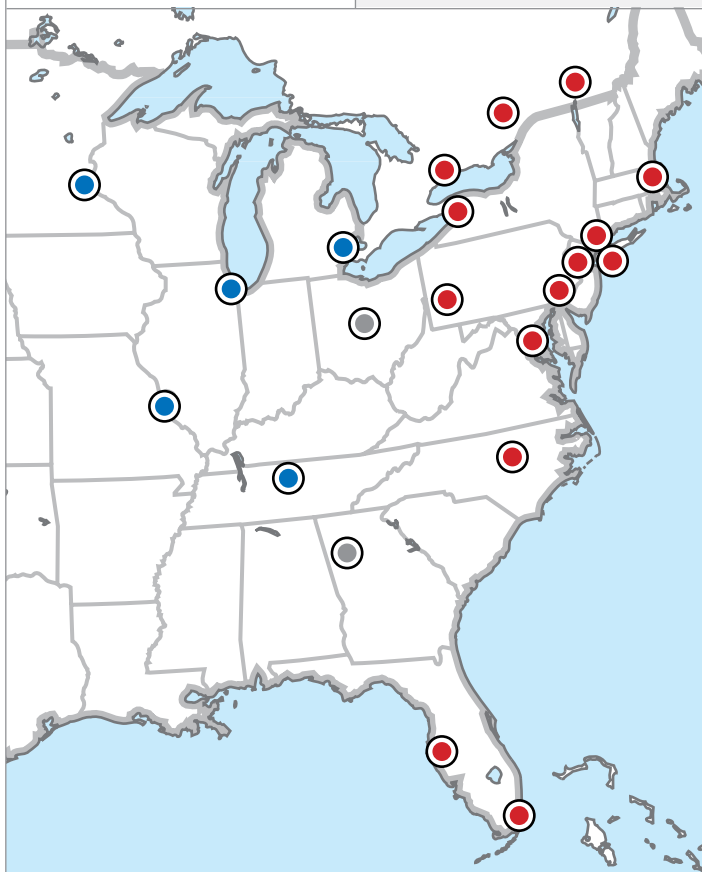


ILUSTRAÇÃO: Arte sobre mapa da National Geographic. FOTO: Jack Dempsey/AP



JUÍZES DE GOL

Futura peça de museu

Juízes de gol atrás das traves podem estar co- os dias contados na NHL.

Durante o Jogo das Estrelas, no American Airlines Center, em Dallas, no mês que vem, esses árbitros serão posicionados na parte de cima do estádio, bem acima do nível do gelo, durante a competição de habilidades, o jogo das jovens estrelas e o Jogo das Estrelas propriamente dito. Em Edmonton, recentemente os juízes de gol foram alocados próximo ao teto da arena, diretamente sobre o gol, na sustentação do teto (Parêntese: alguém consegue se lembrar do nome dessa sustentação? Eu não me lembro de jeito nenhum.). Hoje em dia, todos os jogos têm ao menos uma câmera, geralmente

Você consegue ver o juiz de gol na foto acima? Daqui a algum tempo, pode ficar ainda mais difícil vê-lo

mais, filmando as redes, tornando cada gol imediatamente revisável pelo escritório da liga, em Toronto, se necessário. “Ainda queremos que a luz vermelha se acenda”, ressaltou Mike Murphy, vice-presidente de Operações de Hóquei da liga, ao jornal *Edmonton Journal*. “É parte de nossa história.” Com os juízes de gols aninhados das cabines de imprensa, cada estádio poderá ganhar até oito assentos na beira do gelo por jogo. Vale lembrar que esses assentos costumam ser dos mais caros.

Alexandre Giesbrecht, 30 anos, vai passar o Réveillon na praia.